

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo reunir os elementos necessários ao professor que se propõe iniciar-se na difícil tarefa de ensinar a criança a interpretar e a criar seus próprios textos.

Pretende-se que a criança escreva e leia. Não se pode conceber que o aprendiz se realize estudando teoricamente a arte de escrever, ele terá de se arrojar, entregar-se de corpo e alma; algumas vezes irá desanimar, encontrará indecisões, dificuldades, mas, no fim achará a segurança e o domínio amplo para criar seus textos. É claro que a teoria é também importante, o exercício, porém, é básico.

Vivemos num momento crítico. Ou o homem pára e reflete sobre a vida, as dificuldades de sobrevivência, a escola e a sociedade em que vive ou sucumbe. Uma grande quantidade de problemas se acumula. Conceitos se reformulam, mudanças se processam, revelando por assim dizer, as nossas misérias e as nossas grandezas.

O ensino, como elemento fundamental de qualquer modificação, também está sendo sacudido.

Discute-se a respeito da validade desta ou daquela teoria.

A língua, como veículo de comunicação, está estruturada em bases científicas; sofre, também as mesmas injunções que determinam a modificação do grupo social. Temos, hoje, uma enorme responsabilidade, pesa-nos a carga de nosso momento dinâmico: cabe-nos, portanto, uma tarefa cujo realismo não devemos e não podemos ignorar.

Às nossas instituições educacionais, aos professores e, em particular, aos estudantes, compete a árdua missão de revalorizar a riqueza que, paulatinamente, vai sendo esquecida.

A língua está sofrendo tanto quanto a nossa época. Precisamos trazê-la a sua verdadeira realidade. Esta posição, por radical que pareça, nada tem de extremada. É usando o nosso idioma que temos a oportunidade de nos conhecermos melhor. Quando escrevemos sempre dizemos algo de nós. O romancista, por exemplo, ao contar a história de cada personagem, procura consciente ou inconscientemente, mostrar não somente o homem exterior que é visto pelo enredo, mas também o homem interior desnudado por seus pensamentos. E o meio de que se vale para tanto é a palavra.

Nosso jovem, seja por imperícia do professor de português, seja por falta de leitura e esforço, está fugindo do verdadeiro sentido da palavra. A redação como meio de trazer o estudante para o contato direto com a palavra, com a idéia, parece ser, a única forma afetiva de comunicação.

Também entendemos que entender um texto é criar laços com ele. Ler é passar a limpo às suspeitas levantadas num primeiro encontro. E isso só pode ser feito por etapas. É aos poucos que vamos desvelando, desvendando os mistérios que cada um guarda em si, como o texto.

Capítulo 1 – A estrutura da linguagem

É necessário compreender a linguagem não como um sistema que sobrevive autonomamente, sem a ação do homem, mas como um lugar onde se estabelecem vínculos que não existiam. Linguagem é, pois, atividade humana, é ação com e sobre o homem.

É a linguagem que organiza nossa atividade mental e medeia nossa visão de mundo. As idéias que temos do real são concretizadas pela linguagem.

“Na realidade toda palavra comporta duas fases. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação a um em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade.” (BAKHTIN, 1979, p.24)

A linguagem é atividade humana, é história e social, é interação-ação.

Logo, o trabalho pedagógico tendo como base a linguagem deverá estar pautado na análise dos discursos que concretizam as leituras e sua expressão (produção oral e escrita).

O conteúdo da língua portuguesa será a própria língua. O texto será organizador da área e compreendemos texto como “todo trecho falado ou escrito que constitui um todo unificado e coerente dentro de uma determinada situação discursiva.” (CENP, 1988).

Portanto, caberá ao professor de Português favorecer que o aluno venha compreender “o mundo de representação da linguagem que corresponde ao sistema alfabético da escrita” (FERREIRO, 1987, p.45). E “que as funções sociais da escrita determinam diferenças na organização da língua escrita e, portanto, geram diferentes expectativas a respeito do que se pode encontrar por escrito nos múltiplos objetos sociais que são portadores da escrita (livros diversos, jornais, cartas, embalagens de produtos comestíveis ou de medicamentos)” (FERREIRO, 1987, p.46)

Capítulo 2 – A produção escrita e suas implicações

2.1. – A prática de leitura

Ao se falar em leitura, pensa-se imediata e exclusivamente no ato de ler material escrito. Porém, tal concepção é restrita, quanto se considera o fato de que o ato de ler inicia-se muito antes da entrada da criança na escola, uma vez que ela lê, isto é, atribui significações a sons, gestos, cores, imagens, odores, desde seus primeiros momentos de vida.

Assim, a noção de leitura amplia-se para além do contexto da escola, como “um processo de compreensão de expressões formais ou simbólicas não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 1982, p.25), numa valorização da experiência e das manifestações culturais não necessariamente ligadas à produção escrita.

Os estudos de linguagem revelam que o aluno aprende a ler apesar dos professores: que para aprender a ler e compreender o processo de leitura é necessário alguma orientação, mas que é possível aprender a ler por meio de nosso contexto pessoal.

Segundo afirma FREIRE (1983, p. 56) “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, pois sabemos que realmente ninguém é capaz de educar ninguém, o educar é solitário, parte de nosso contexto pessoal, de nossos interesses e motivações.

A leitura é feita pelo diálogo do leitor com o texto sempre de forma contextualizada, visto que o leitor vai recriá-lo em função de sua experiência de vida, maturidade, bagagem cultural. Daí, surgem interpretações diferenciadas para um mesmo texto por distintos leitores ou por um mesmo leitor em diferentes momentos de sua vida.

O papel do professor, diante disso, é mais do que ensinar a ler, é o de criar condições para que o aluno aprenda a ler, proporcionando-lhe acesso ao maior número possível de textos em linguagem escrita ou em outras linguagens, dialogando com ele sobre a sua leitura, ou seja, discutindo o sentido que ele atribui ao texto e, principalmente, participando também do processo como leitor e interlocutor.

Ler é tomado em seu sentido mais restrito de processo de descoberta e atribuição de significados ao texto escrito, cabendo ao leitor a tarefa de aceitá-lo, questioná-lo ou propor-lhe nova interpretação, relacionando-se às suas experiências anteriores de leitura.

Para que a leitura seja uma atividade natural e verdadeira, é necessário que o professor, em qualquer série: proporcione aos alunos oportunidade de acesso a todo tipo de texto escrito; privilegie o gosto pela leitura, desenvolvendo na criança a sensibilidade para o texto; dissocie a prática da leitura dos exercícios de interpretação e análise, assuma a postura de ler com o aluno, participando do processo como um leitor a mais, em que a sua interpretação é, apenas, mais uma das possíveis, permita e estimule o surgimento de comentários por parte dos alunos, após a realização da leitura de qualquer tipo de texto.

A prática da leitura de textos abrange obras de literatura, peças teatrais, coletâneas de produção dos alunos, revistas, jornais, anúncios, receitas culinárias, textos diversos: narrativos, poéticos, informativos, institucionais, práticos e dissertativos.

A leitura livre de obras literárias, em todas as séries, tem como principal objetivo o desenvolvimento do gosto pela leitura, ou seja, a leitura prazer. Para que isto se realize é preciso o contato direto dos alunos com livros de literatura do acervo da biblioteca escolar, da sala de leitura da escola e de bibliotecas públicas. Também se deve oferecer às classes títulos diversificados, atendendo não só ao interesse das respectivas faixas etárias, como também aos diferentes níveis de desenvolvimento do aluno como leitor.

É fundamental que se garantam a livre manipulação, escolha e troca de livros e que inexistam cobranças, provas, fichas de leitura ou avaliações formais por conta do professor.

O jornal, por conter tipos variados de textos (artigos, editorial, cartas, anúncios, notícias, entrevistas, reportagens, tiras, horóscopos, etc) pode se constituir em uma alternativa interessante de pesquisa para alunos e professores.

A leitura busca de informações permite ao leitor extrair do texto informações úteis para a resolução de um problema, esclarecimentos de dúvidas, atendimento a uma necessidade, confirmação de dados.

O texto informativo deve ser selecionado em função dos objetivos que se pretende atingir; podendo estar associado a outros componentes curriculares. Pode ser extraído de fontes diversas: jornais, revistas, Atlas, enciclopédias, livros didáticos, produções de professores e alunos, etc.

A leitura estudo de texto proporciona ao leitor oportunidades e condições para ouvir tudo o que o texto tem a dizer, por meio de um trabalho organizado de análise, síntese, aprofundamento e extrapolação das idéias nele contidas.

Em todo o Ensino Fundamental, a leitura estudo de texto é feita com textos de qualquer natureza: narrativos, poéticos, informativos, instrucionais, práticos ou dissertativos, selecionados em função do interesse em se aprofundar idéias ou questões levantadas em debates, discussões, comentário sobre fatos vividos ou noticiados, audição ou leitura de histórias.

O professor é o organizador deste estudo, realizado coletivamente para que todos os alunos, participando do processo, aprendam.

Também é importante frisar que a leitura oral do aluno deve ser solicitada se houver interesse da classe na execução da atividade, muitas vezes despertada em função da própria modalidade do texto. É o caso dos textos poéticos, cuja leitura oral quase sempre agrada muitos aos alunos.

Conforme MARTINS (1988, p. 56), a leitura através dos sentidos com início em nossos primeiros anos e nos acompanha por toda a vida constitui fonte de prazer e estímulo maior para concretização do ato de ler o texto escrito.

2.2. A prática de produção escrita

A prática de produção escrita tem por objetivo a interlocução à distância, constituindo-se o texto, qualquer que seja ele, um ele intermediário entre o autor e seus possíveis leitores.

Sabe-se que as pessoas escrevem sobre assuntos que lhes falem de perto, com o propósito de expressar seus pensamentos, opiniões, sentimentos e emoções de modo a estabelecer um diálogo com o outro.

É importante que o professor conheça o processo de criação, não apenas pela fundamentação teórica, mas vivenciando o processo.

“assim, parece-me que o melhor ponto de partida do professor é vivenciar pessoalmente o processo de criação, emergir na criatividade, na experiência concreta, para aprender a fazer, fazendo redigir. Essa experiência em redigir criativamente é uma preparação, um modo de compreender de dentro o que ocorre com seus alunos em seus processos.” MESERANI (1983, p. 26)

O professor deve estimular e propiciar oportunidades freqüentes e variadas para que o aluno desenvolva sua capacidade de redigir, pois a prática continuada da escrita é que permite e garante sua efetiva aprendizagem.

Que as atividades sejam motivadas por interesses, necessidades e ou vivências (reais ou imaginárias) dos alunos, para que se configurem em momentos realmente significativos para eles.

Que haja um clima de liberdade, confiança e respeito às idéias e à variedade lingüística usada pelo aluno, para que este não se sinta inibido ou bloqueado: o aperfeiçoamento de sua forma de expressão deve acontecer gradual e naturalmente, pela freqüência da produção, das sucessivas reescritas da prática de análise lingüística e do seu próprio amadurecimento intelectual, durante o processo educativo.

A leitura das produções escritas deve ser realizada por diversos leitores, pela troca de textos dentro de pequenos grupos. O professor é apenas mais um dentre os possíveis leitores.

E que os textos produzidos pelos alunos sejam divulgados para que se tornem conhecidos pelo maior número possível de leitores lembrando que o escritor nasce na sala de aula.

Que os comentários e sugestões dos alunos sobre os textos produzidos sejam aproveitados para desencadear novas atividades como leitura, produções de textos orais, escritos ou em outras linguagens.

Por longo tempo, o exercício de redação caracterizou-se por ocasionar momentos de angústia para o aluno, que era obrigado a escrever sem um preparo anterior adequado, sobre temas que dominava ou que lhe eram pouco significativos.

Hoje, ao contrário, a produção de texto é vista como uma atividade que proporciona a ele a oportunidade de expressar-se criativa e prazerosamente.

E a prática de produção escrita é, quase sempre, precedida de atividades estimuladoras que visam não apenas a motivar o aluno a criar seu próprio texto, como também a favorecer-lhe subsídios que lhe permitam dispor de uma riqueza maior de idéias e informações, a partir das quais constrói seu próprio texto.

Esse trabalho de sensibilização pode ser feito pela exploração de diferentes situações estimuladoras: produções orais de classe, conversas, comentários, debates, histórias lidas, ouvidas ou assistidas na escola ou fora dela, programas de TV, anúncios, propagandas, fotos, cartazes, poemas, músicas, desenhos, jogos, brincadeiras, etc.

Os estímulos podem gerar a criação, a recriação ou a reprodução de textos escritos.

Cabe ao professor selecionar, dentre as situações estimuladoras sugeridas para a criação de texto, bem como dentre as possibilidades de recriação arrolada, aquelas que melhor se adaptam a seu trabalho e a sua classe, criando ainda alternativas que favoreçam a produção do aluno.

“(...) não negamos a possibilidade de se ensinar leitura e escrita às crianças em idade pré-escolar; (...) No entanto, o ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e escrita se tornem necessárias às crianças. Se forem usadas apenas para escrever congratulações oficiais para os membros da diretoria da escola ou para qualquer pessoa que o professor julgar interessante (e sugerir claramente para as crianças) então o exercício da escrita passará a ser puramente mecânico e logo poderá entediar as crianças; suas atividades não se expressarão em sua escrita e suas personalidades não desabrocharão. A leitura e a escrita devem ser algo que a criança necessite (...) uma atividade cultural complexa” (VYGOSTSKY, 1935, p. 73)

Capítulo 3 – Ler, escrever e a criatividade em sala de aula

Apesar de vivemos num mundo que dispões de uma sofisticada tecnologia, a expressão e a criatividade ainda dependem de alguns aspectos estruturais e de exercícios práticos que orientem o trabalho de compreensão e recriação de textos.

3.1. Ler e escrever

Por isso, ler e escrever continuam sendo desafios constantes para o professor e aluno.

Segundo FREIRE (1977, p. 83), o professor tentando fazer com que seus alunos entendam que estudar não é um ato de consumir idéias, mas de criá-las e recriá-las. Outros achando que a tecnologia e o computador resolverão tudo. Sem preocupações. É tudo uma questão de programa.

Repensando os atos de ler e escrever como instrumentos eficazes na compreensão do mundo que nos cerca, este trabalho tem como objetivo fazer com que o professor e aluno tenham uma visão mais rica da realidade, ultrapassando suas próprias barreiras e vencendo os desafios que no mundo lhes impões. Segundo TUFANO (19996, p. 18), “se o horizonte do aluno se amplia com a análise de texto, se sua visão de mundo fica mais rica, creio que o professor terá feito seu papel que é, exatamente, aguçar o espírito do aluno para a vida que o rodeia.”

Assim, este trabalho apresenta uma seqüência de estratégias de estudo e produção de textos que consideram o ler e o escrever como atos dinâmicos em que o sujeito percorre um processo de construção do significado de qualquer texto ou produção textual e, conseqüentemente, vai construindo o significado de seu próprio mundo.

Também a experiência nos ensina que toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador. Esta postura, em si mesma, implica numa concepção dos seres humanos e do mundo.

Quanto mais analisamos as relações educador-educando, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), verificamos que estas relações apresentam um

caráter especial e marcante, o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração ou dissertação que implica num sujeito: o narrador, e em objetos pacientes, os ouvintes: os educandos.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em vasilhas, em recipientes com seus depósitos tanto melhor, o educador será. Quanto mais se deixam docilmente encher, tanto melhores educandos serão.

Desta maneira, FREIRE (1977, p. p.45) coloca que “a educação torna-se um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e de depósitos que os educandos recebem pacientemente, memorizam e repetem.

Conforme FREIRE (1977, p. 220), eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Educador e educando se arquivam na medida em que, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.

3.2. A criatividade em sala de aula

A educação brasileira tem seus vícios. Um deles é o de valorizar a memorização do conhecimento e o não pensar. É a informação pronta que chega e é absorvida. Isto pode significar a dicotomia do aluno com o ato de pensar. O potencial criador é inibido e bloqueado pela falta de estímulo, de encorajamento e de um ambiente favorável a seu desenvolvimento.

A fantasia e a imaginação são minimizadas, deixando o aluno despreparado para enfrentar o desconhecido.

Nossa educação é inibidora porque se ensina à criança, desde muito cedo, a extensão de sua capacidade, de sua falta de jeito e de talento, especialmente, para as artes.

Esta visão contrasta com as aldeias indígenas, onde todos participam dos cânticos ou pinturas tribais, onde o canto e a pintura são naturais, como chorar e andar.

É no espírito da escola tradicional que se aprende que a habilidade para a pintura, para o canto, para a redação constitui um privilégio de poucos conscientizando-se a grande maioria dos alunos de que não são capazes, de que não têm jeito.

Também é preciso desmistificar a idéia de que a criatividade é um dom, privilégio de poucos e chamar a atenção para o importante papel do professor no processo de crescimento do aluno e de desenvolvimento de suas habilidades criativas. O professor é uma peça central, que tem um imenso poder e influência sobre o aluno, podendo contribuir tanto para o crescimento e expansão de suas habilidades.

A importância de se criar um espaço maior para a fantasia e para o jogo imaginário é apontada como fundamental para o desenvolvimento psicológico da criança. Este aspecto é trabalhado, por exemplo, o Japão onde há interesse em manter viva a fantasia da criança pelos jogos, canções, leituras, participação e elaboração de peças teatrais.

Todo ser humano é criativo e os poderes da mente humana, ainda pouco explorada, são ilimitados.

Muitas são as barreiras ao desenvolvimento da criatividade na escola. Nesta, predomina uma ênfase exagerada na reprodução do conhecimento, e a criança aprende, desde muito cedo, que existe apenas uma resposta correta para qualquer questão ou problema.

A curiosidade da criança é pouco aproveitada. A ênfase exagerada na memorização vem refletindo no desempenho de muitas crianças. Observamos que o espaço reservado para a fantasia, para a imaginação, para o jogo de idéias é muito reduzido, mesmo no jardim de infância onde deveria ser bastante cultivado.

Entre dois e sete anos, o jogo imaginativo ocorre com grande freqüência: a criança imita os mais velhos, transforma objetos, tem amigos imaginários, elabora histórias fantásticas, dramatiza com grande facilidade. Mas à medida que desenvolve a razão e o raciocínio, sua imaginação vai declinando. A família contribui para isso também, na medida em que questiona, critica e mesmo pune as manifestações de fantasia da criança.

Na escola, isto pode ocorrer de uma forma mais intensa, e o declínio da imaginação, da curiosidade e do pensamento original são aspectos constatados e comentados pelos professores que também encontram dificuldades no sentido de preservar a criatividade da criança e encorajá-la a fazer uso de suas habilidades criativas.

O ensino é visto tradicionalmente como transmissão de informação cabendo ao professor, com o auxílio do livro-texto, transmitir os conhecimentos que, por sua vez, constituem a matéria-prima a ser assimilada e apreendida pelo aluno. Se a matéria for clara, se o texto for bem escrito e o aluno receptivo, as informações contidas no livro serão adquiridas pelo aluno. Os textos tendem a ser expositivos e informativos, e raras são as situações criadas que estimulam o aluno a pensar e a raciocinar.

Para encorajar a criatividade do aluno é necessário que se crie um clima em sala de aula propício a seu desenvolvimento. Uma das características fundamentais é a receptividade a novas idéias, e pode ser implementada por muitos procedimentos como: dar chances ao aluno para levantar questões, elaborar e testar hipóteses, discordar, propor interpretações alternativas, avaliar, criticar fatos, conceitos, princípios e idéias.

O professor deve ter uma atitude de respeito pelas questões levantadas independentemente, de serem elas banais, irrelevantes ou inteligentes e bem formuladas.

Dar tempo ao aluno para pensar e desenvolver as suas idéias criativas. E encorajar o aluno a escrever poemas, histórias, trabalhos artísticos.

E para facilitar redações criativas, o professor deve fazer uso dos mais variados recursos, possibilitando aos alunos trabalharem com as idéias antes de colocá-las no papel. Dar oportunidade ao aluno para desenvolver sua imaginação e para elaborar idéias imaginativas com relação a um determinado tema proposto pelo professor e pelo aluno.

O professor deverá encorajar a criação de idéias que sejam de todo a classe, antes de partir para um trabalho individual, onde as idéias do grupo possam ser aproveitadas a aceitar a espontaneidade, a iniciativa, o senso de humor e a capacidade

criadora como traços universais do homem, que não devem ser prescritos da sala de aula, mas devem antes ser cultivados.

Capítulo 4 – Técnicas Lúdicas de produção de texto

A utilização do jogo e da brincadeira não se transformam em atividades em si, desvinculadas dos aspectos da construção do conhecimento. O jogo auxilia a criança a fazer a separação entre o significado e o objeto, condição necessária para o processo de aquisição da língua escrita.

O professor e o aluno devem brincar de descobrir o mundo e nessa interação o objetivo e a utilização do jogo é provocar a reflexão e a oportunidade de convivência e integração da criança com as áreas do conhecimento, e também com sua integração social.

Brincar é muito importante e para a criança é coisa séria. Brincando ela vai desempenhando vários papéis sociais representando a sua realidade.

No jogo simbólico, as crianças são, ao mesmo tempo, símbolos e criadoras de símbolos, fazem do jogo um instrumento de leitura e de compreensão significativa desse mundo e conseqüentemente vão construindo seu conhecimento.

É muito importante que a criança tenha à sua disposição jogos e brinquedos, porém é essencial que se redescubra no jogo o espaço de criação fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social.

4.1. A produção oral

A fim de desenvolver as atividades que se referem à prática de produção oral, pensamos imediata e exclusivamente no ato de ler material escrito. Todavia, é preciso levar em conta o fato de que o ato de ler inicia-se antes da entrada da criança na escola, uma vez que ela atribui significações a sons, gestos, cores, imagens e odores desde seus primeiros dias de vida.

A hora da história é um momento muito importante para a criança. Daí, ser fundamental priorizar-se a leitura oral de histórias para criança que está iniciando o processo de alfabetização.

As histórias que normalmente mais agradam às crianças desta fase são as de aventuras no ambiente próximo: família, escola, histórias de animais, fantasias e

problemas infantis. Assim, por exemplo, “Chapeuzinho vermelho” presta-se para um reforço a ciências, no que se refere à nomenclatura dos órgãos do sentido.

4.2. Criação de textos e diferentes níveis de fala

Os falantes de uma mesma língua não se expressam todos de forma idêntica. As características individuais, a região de origem, a classe social, o grau de escolaridade, as tradições, os costumes, a profissão interferem diretamente na maneira de cada indivíduo aprender o real e transformá-lo em texto.

Assim, um mesmo acontecimento, vivido por várias pessoas, assume características diferentes, dependendo de quem os relata.

Proposta:

“Casamento de classe média-baixa; noivos: Nestor e Susana. Espaço: a igreja repleta de convidados.

Cena: encaminhamento normal desse tipo de cerimônia com entrada da noiva, palavras do padre, alianças. Ápice da cena: Nestor diz sim, todavia, na vez de Susana, esta se ergue, via até o púlpito, encara as pessoas e diz:

- Gente, não pensem que eu vou sair correndo como tantas outras. Mas eu estive pensando e não vai dar. Desisti e pronto.

Pânico geral. Burburinhos, gestos descontrolados.

A maior parte dos convidados levanta-se sem propósito definitivo.”

- Procure registrar o enfoque da situação a partir de certos personagens estereotipando os traços específicos de cada um pela linguagem dos personagens escolhidos.
- Comentário do padre.
- Comentário de uma amiga da noiva, beata e fofoqueira, que embora gostasse de Susana, possui um sentimento de inveja diante do casamento.

- Comentário de uma feminista radical, redatora de um dos grandes jornais de São Paulo.
- Comentários da mãe do noivo, senhora idosa, de origem italiana, submetida aos trabalhos de casa.
- Comentário de Zé, amigo de Nestor, mecânico profundamente gozador.
- Comentário de Marli, criança de 10 anos, sobrinha de Susana.
- Comentário de Paulo, conhecido dos noivos, casado, 38 anos, participante de encontro de casais.
- Comentário de um casal de namorados, adolescentes, parentes da noiva, estudante, com uma linguagem carregada de muitas expressões de gíria.
- Comentário do avô de Nestor, senhor idoso e de moral dura, vindo de uma cidade do interior do Nordeste especialmente para o casamento.
- Comentário de Dr. Paulo Pimentel, um dos padrinhos da noiva, advogado muito conhecido na cidade.
- Comentário do cunhado de Nestor, vindo de Porto Alegre.

Atividade:

O registro da fala popular na arte brasileira (pesquisa e montagem de painel).

Apresentação das falas pelos alunos, procurando dar a ênfase aos vários registros de fala.

Jogo com palavras

Esses jogos proporcionam aos alunos a oportunidade de explorar as palavras construindo com elas histórias reais ou fantásticas, malucas ou verossímeis, relacionam palavras ou frases às ilustrações e vice-versa, analisá-las, contar as letras; fazer análise fonética, brincar com a sonoridade, com a ordem com a semântica, brincar de poeta. O jogo sonoro é envolvente e sabemos o quanto é apreciado e importante para a criança fazer pesquisas de ortografia, montar arquivos de palavras que comecem como a escolhida, organizá-las em ordem alfabética, etc.

ABCD – Dominó do alfabeto

Dominó formado por 28 peças impressas em offset sobre chapa dura de ficha de moldura, representando figuras e palavras correspondentes, com destaque para a letra inicial.

Poderá ser usado como dominó convencional em que as crianças elegem uma peça para iniciar o jogo e depois vão agrupando figuras e palavras correspondentes, com destaque para a letra inicial.

As palavras poderão ser lidas, copiadas e também usadas em atividades orais e pequenos textos.

Dominó de frases

O dominó de frases poderá ser usado individualmente ou em grupo. As frases poderão ser empregadas para leitura e construção de outras frases e, também, histórias. Dadas também as peças para as crianças, pedir que escrevam palavras ou novas frases relativas ao desenho. Depois deverão ler alto, dando ênfase à pronúncia.

4.3. A produção de textos escritos – Exercícios de produção de texto escrito

CAIXA-SURPRESA

1) O professor traz para a sala uma CAIXA-SURPRESA e a coloca em cima da mesa.

A seguir propões a divisão dos participantes em grupos. Cada grupo escolhe um dos traços genéricos abordados que objetivará o trabalho a ser realizado.

O professor observará que cada grupo apresentará um único trabalho.

O professor sugere um clima de relaxamento e concentração, para o início do exercício, entre os participantes. Abre a caixa e retira uma vitrola e um disco, e de posse desses objetos, far-se-á a audição de uma melodia, motivadora ou não de relaxamento e clima de trabalho.

Em seguida, o professor retirará da caixa dois cabides contendo respectivamente duas vestimentas masculina e feminina antigas e as colocará em lugar de evidência e de análise dos participantes.

O professor fará uma proposta de trabalho em grupo motivado pela presença das vestimentas no traço genérico sorteado.

O tema e o título, o desenrolar do trabalho em si deverá se ater à criatividade dos elementos de cada grupo e que os dirigirá será o traço genérico sorteado.

O mais dependerá da movimentação do grupo (como traço genérico o texto poderá ser: descrição, narração, crônica, poesia, notícia de jornal, dissertação).

Uma vez o texto produzido, o grupo fará um trabalho crítico de revisão e estudará a apresentação do trabalho, numa outra etapa, no sentido de extrapolá-lo utilizando-se dos recursos necessários para tal apresentação (por exemplo, mímica, cenário, roupas, ensaio, música, etc).

2) O professor selecionará os textos a respeito de um tema. Por exemplo, “O circo”, os textos poderão ser em forma de prosa, poesia, música, fotos, notícias de jornal, etc.

O professor poderá dividir a turma em grupos e cada grupo será encarregado de pesquisar a função de um determinado personagem dentro do circo. Poderá utilizar-se de cartazes de rua, figuras e outros elementos que se relacionam com o tema em questão e que passarão a compor a decoração da classe.

Proposta e execução do trabalho

- a) Você irá escrever sobre o mundo maravilhoso do circo. O título é você quem vai escolher.

Como narrador, você também vai optar por um dos dois modos e contar uma história: o narrador-observador ou o narrador-personagem. O importante é que você pare para pensar e imaginar coisas do circo e de seus personagens. Só depois escreva o que sua imaginação realizou.

b) Você leu, falou, contou e até participou de um espetáculo de circo improvisado.

Você viveu um pouco do palhaço: sua profissão, sua vida, suas alegrias, suas tristezas.

Use sua imaginação para escrever alguma coisa bem bonita dentro do tema escolhido: Eu e o palhaço.

4.4. Texto par teatro – trabalho em grupo

Seleciona-se um texto de Maria Clara Machado, um texto para teatro: o rapto das cebolinhas.

Depois que o texto é trabalhado oralmente para que o aluno possa compreendê-lo; o professor propõe ao grupo escrever um texto para teatro. Apresenta as personagens, por exemplo:

- Dr. Sabe-Tudo, cientista
- Jovem Quer-saber, aprendiz de cientista
- Rouba-Quieto, ladrão de inventos
- Descobre-Tudo, detetive

- O Dr. Sabe-Tudo criou uma planta no laboratório. Essa planta tem efeito fabuloso.

Imaginem:

- Qual é a planta?
- Como se deve prepará-la?
- O que acontece com quem a ingere?

Fazer um texto com os quatro personagens. Poderá também haver um narrador. Ensaiai o texto e apresentar a peça teatral aos seus colegas.

4.5. Criação da Poesia

O professor deverá escolher várias poesias, depois recortar todas as palavras dos versos. (não se esqueça de explicar o que é verso, estrofe e rima antes).

Após embaralhar todas as palavras de cada poesia em separado, colocar em envelopes. Reunir as turmas em grupos, entregar a cada grupo as poesias recortadas acondicionadas nos envelopes (é importante que os alunos desconheçam a poesia original).

Os alunos deverão formar com essas palavras recortadas novas poesia, não se esquecendo do título.

Após a organização da re-escrita da poesia, deverá apresentá-la aos demais grupos e só no final das apresentações o professor dará à classe a poesia original.

As atividades com adivinhações, trava-línguas e quadrinhos poderão ser preparatórias para um trabalho com poesia e podem ser realizadas em qualquer faixa e qualquer perfil de classe. Todos se envolvem com algum tipo de poema e é comum que os alunos queiram copiá-las, sendo uma boa oportunidade para que se proponha a criação do seu próprio livro ou coleção de quadrinhos e poemas diversos.

Além disso, os poemas podem ser transcritos em cartazes e ilustrados, com o objetivo de se organizar uma exposição. O trabalho com poesia pode ser enriquecido com a leitura de alguns livros em prosa nos quais se destacam os recursos poéticos, como as imagens e a sonoridade da linguagem.

4.6. Emprego de imagens sensoriais na criatividade

O emprego de imagens sensoriais na criatividade do aluno para expressar-se.

Antes do uso da palavra, a imagem desempenha um papel central. Estudiosos como BRUNER propuseram tipos distintos de representação nos diversos estágios do

desenvolvimento. BRUNER denominou de representação enativa o estágio de desenvolvimento presente em crianças muito novas com idade variando do nascimento há um ano e meio a dois, ocasião em que ela representaria os acontecimentos por respostas motoras. A representação icônica realiza em termos de imagens, predominaria entre dois e quatro anos, e antecederia a representação simbólica que acontece pelos símbolos verbais.

As imagens continuam, porém, freqüentes e têm sido apontadas como parte do pensamento de crianças mais velhas, mas também de muitos cientistas e pesquisadores que salientaram o seu importante papel em suas descobertas. É o caso de Einstein que se visualizava balançando em um raio de luz e viajando a velocidade da luz pelo universo. As palavras não representavam um papel central em seu pensamento, mas sinais e imagens mais ou menos claras que podiam ser reproduzidas e combinadas voluntariamente. Na própria teoria da relatividade tiveram as imagens visuais em papel central.

Também na hipnose, uma das técnicas mais antigas da Psicologia para reativar experiências esquecidas, têm as imagens um papel central.

No sonho, a imagem é um fator central. Neste sentido, há vários jogos para crianças para que elas continuem a fazer uso de suas fantasias visuais e de sua imaginação durante os anos de escola.

Segundo DE MILLE (1990, p. 19), é necessário que a criança aprenda que há momentos para a fantasia e momentos para a realidade, e que tanto uma como outra têm o seu valor.

O autor lembra que o treino da realidade freqüentemente põe uma ênfase exclusiva na aprendizagem de regras e na memorização de falas. E tal treino desencoraja o pensamento crítico e inventivo e a prática do julgamento.

Mas é possível a pessoa cultivar habilidades diversas, permanecendo intuitiva e expressiva, flexível e perceptível, sem perder a razão, a comunicação, o controle emocional e suas habilidades intelectuais.

E DE MILLE (1990, p. 80) sugere o jogo do teatro para o aluno fazer uso da imaginação.

"Este jogo se chama teatro"

Vamos imaginar que nós temos um teatro, vamos fazê-lo um grande teatro, com muitas cadeiras. Tem uma cortina vermelha pendurada na frente do palco. Mude a cor da cortina para verde. Coloque muitas pessoas sentadas nas cadeiras, olhando para a cortina. Você é uma dessas pessoas.

Faça abrir a cortina. Faça uma garota andar para frente do palco. Faça as pessoas do auditório baterem palmas. Faça a garota cantar uma canção. Faça o auditório bater palmas novamente. Faça a garota deixar o palco.

Veja-se agora no palco, olhando para o auditório. Repare nas luzes brilhando a sua frente. Diga Boa Tarde para o auditório. Agora faça com que as pessoas batam palmas. Cante uma canção para elas. Faça-as baterem palmas durante muito tempo. Você gostou da forma como foi aplaudida?

Agora, faça-as ficar em silêncio. Conte uma longa história. Faça com que elas desejem lembrá-la para contar a seus amigos, após voltar para casa...

Este jogo pode ser lido por uma pessoa da família ou pela professora para uma criança ou adolescente sozinha ou para um grupo de crianças.

Outros exercícios com imagens sensoriais

* Antes de começar estes exercícios, procure uma posição confortável, um lugar tranquilo, onde haja a menor interferência possível.

Imagens visuais

Imagine...

A porta de entrada de onde você mora.

O telefone que você mais usa.

Um botão de rosa.

O sorriso de uma criança.

O rosto de um amigo.

Uma mosca.

Uma noite estrelada

Um passarinho

As suas imagens foram coloridas? Elas foram bem nítidas?

Procure agora puxar algumas dessas imagens e desenhá-las. Por exemplo, desenhe a porta de sua residência e o telefone, depois vá comparar seu desenho com o objeto real.

Você seria capaz de manipular as suas imagens visuais? Vamos tentar?

Imagine uma pessoa idosa que você conhece muito bem se transformando em uma adolescente.

Imagine um carro de corrida colidindo em um enorme travesseiro de penas.

Imagine um passarinho se transformando lentamente em um animal de grande porte.

Imagens olfativas

O cheiro de peixe

O cheiro de gasolina

O perfume de uma flor

O cheiro da fumaça de cigarro

Imagens gustativas

O gosto de abacaxi

O gosto de limão

O gosto de seu sorvete preferido

Sabemos que a educação tende a enfatizar apenas os processos verbais, inibindo a capacidade de pensar pelas imagens, que seria comum nas crianças.

As imagens favorecem o desempenho em atividades como pintura, escultura, coreografia, fotografia, engenharia, arquitetura, etc.

Capítulo 5 - A produção de textos escritos

Uma mudança significativa nas concepções de aprendizagem e ensino da língua escrita vem ocorrendo desde os anos 80. Essa mudança é fruto, de dois fatores fundamentais.

Em primeiro lugar, é nos anos 80 que as ciências lingüísticas - a Lingüística, a Sociolingüística, a análise do discurso - começam a ser aplicadas ao ensino da língua materna: novas concepções de língua e linguagem, de variantes lingüísticas, de oralidade e escrita, de texto e discurso reconfiguram o objeto da aprendizagem e do ensino da escrita e, logicamente, o processo dessa aprendizagem e desse ensino.

Em segundo lugar, é também nos anos 80 que a Psicologia Genética piagetiana traz nova compreensão do processo de aprendizagem da língua escrita, pelas pesquisas e publicações de Emília Ferreiro(1987) e seus colaboradores, obrigando a uma revisão radical das concepções do sujeito aprendiz da escrita.

Considerando-se a interferência desses dois fatores: a influência das ciências lingüísticas e a concepção psicogenética da aprendizagem escrita representam momentos contemporâneos e inseparáveis do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita; uma face é o desenvolvimento das habilidades de transitar do sistema fonológico para o sistema ortográfico (escrever) e deste para ler; a outra face é a utilização do sistema de escrita para a interação social, isto é, o desenvolvimento das habilidades de produzir textos.

Assim, o princípio que regia o ensino da escrita, que devia conduzir a criança progressivamente pelo caminho de sucessivas correspondências entre o oral e o escrito é substituído por princípio radicalmente diferente: a criança aprende a escrever agindo e interagindo com a língua escrita, fazendo uso de seus conhecimentos prévios sobre a escrita, levantando hipóteses sobre as correspondências entre o oral e o escrito, independente de uma seqüência e progressão dessas correspondências que até então eram impostas a ela, porque só podia escrever depois de já ter aprendido.

Quanto às dificuldades enfrentadas pela criança nesse processo, se, anteriormente, eram considerados erros que era preciso corrigir, e para isso os recursos eram, de novo, os exercícios ou treino de cópias, de limitação, de repetição,

associação, hoje, no quadro de uma nova concepção do processo de aquisição do sistema de escrita, os erros são considerados construtivos, isto é, preciosos indicadores do processo de construção do sistema de escrita que a criança vivência, reveladores das hipóteses com que está atuando, portanto, elementos fundamentais para que se identifiquem esse processo e essas hipóteses.

A atitude e as ações do professor na conduta da criação de textos escritos alterou-se radicalmente também.

Antes das novas teorias acima expostas, o exercício da redação era angustiante para o aluno, ele era quase sempre obrigado a escrever sobre temas que não lhe eram significativos, o aluno encontrava-se na maioria das vezes totalmente desmotivado e o professor também não se preocupava em lhe fornecer bagagem para sua motivação.

Atualmente, a produção de texto recebe maior atenção dos professores e da escola, é vista como uma atividade que vai proporcionar ao aluno a oportunidade de expressar-se criativa e prazerosamente.

E este trabalho de sensibilização cabe ao professor. Estas atividades devem ser motivadas por interesses, necessidades, vivências (reais ou imaginárias dos alunos) para que realmente sejam significativas para eles.

A escola tem usado com freqüência e insistência em suas aulas de criação de texto uma concepção distorcida do que significa o exercício de liberdade para criar. Percebe-se ainda o controle de palavras, frase e da imaginação da criança. Esse controle é percebido pelas perguntas que dirigem e condicionam a imaginação do aluno. Solicita-se ao aluno que desenhe seu personagem e complete a história com idéias que imaginou e depois dê um título adequado.

Nota-se ainda que essa liberdade de criação é controlada, pois o professor pede para o aluno criar determinados personagens ou situações. O ideal seria não pedir nada, apenas motivá-lo para que criasse.

Para melhor ilustrar minha crítica, apresento um roteiro de uma redação criativa e nos anexos 1, o resultado desse roteiro em termos de redação.

Vamos imaginar...

A criança da minha história chama-se _____

Fisicamente é _____

Essa criança é muito _____

porque _____

Quando conversa com as pessoas é muito _____

A criança da minha história gostaria que as pessoas a tratassem _____

quando crescer, vai ser _____

porque _____

É distribuído o roteiro acima à criança e o professor pede-lhe para criar uma história bem interessante, pede para fazer um desenho no local determinado e ainda que pôr último dê um título bem sugestivo. (ver as redações baseadas neste roteiro – aplicadas em crianças de 5ª série, com idade de 11 a 12 anos de uma escola particular de nível social médio – anexo 1).

Portanto, no quadro dessa nova concepção de língua, a prática do uso da escrita na escola é considerada como fundamental em que a expressão escrita apresenta-se como a alternativa possível ou a mais adequada para atingir um objetivo.

Essa mudança de concepção de língua escrito é que leva à distinção entre relação – o exercício de mostrar que se sabe ortografar, que se sabe construir frases, que se sabe preencher um esquema e produção de texto – o estabelecimento de interlocução com um leitor.

Em um segundo momento, (anexo 2), o professor pediu aos alunos que se reunissem em grupo de 4 elementos. Solicitou que criassem uma história sobre qualquer assunto que o grupo gostasse de redigir.

O resultado foi gratificante, as crianças em liberdade agruparam-se, discutiram e elaboraram o trabalho, e cada grupo o apresentou com assuntos diferentes, títulos livres.

Percebeu-se nesta redação que as crianças conseguiram criar histórias interessantes, com conteúdo e criatividade, e, sobretudo, em clima de liberdade (anexo 2).

Portanto, este tipo de estratégia torna-se ideal, pois o aluno pode criar livremente, discutir e apresentar suas idéias.

Considerações Finais

Com base nos objetivos e idéias organizadoras, proponho a busca de textos e temas para a escrita e leitura de forma mais variada e despida de preconceitos. Desde a escrita e leitura de receitas, piadas, história em quadrinho, adivinhas, poemas, até textos dos contos de fadas (em que as crianças possam identificar seus próprios dramas) e os textos objetivos de descrição de animais, objetos e máquinas (textos que informem sobre o mundo de fora das crianças).

Também, é importante lembrar mais uma vez que leitura significativa é aquela em que o leitor pode se projetar e identificar-se, e escrita significativa é aquela que tem um destinatário, um interlocutor.

A importância da linguagem na formação do sujeito é uma ação humana, é por ela que este vai estabelecer uma relação com o mundo e com o conhecimento. Para isso, é necessário que o professor reconheça sua importância política na sociedade, pois dela vai depender todo o trabalho criativo.

O professor deve criar um ambiente de respeito, e aceitação mútua, onde os alunos possam compartilhar, desenvolver e aprender tanto uns com os outros e com o professor, como independentemente. E o professor deve saber aceitar a espontaneidade, a iniciativa, o senso de humor e a capacidade criadora de seus alunos como traços universais do homem, que não devem ser prescritos da sala de aula, mas devem antes ser cultivados para com isso formar mentes abertas, criativas e livres...

Também cabe ao professor favorecer a descoberta, criando muitos e variados eventos de leitura e de escrita, oferecendo as condições para que os alunos interpretem e compreendam e usem criativamente a escrita.

Os alunos não aprendem simplesmente porque vêem os outros lendo e escrevendo, ou porque vêem materiais escritos, e sim, porque tentam compreender essas informações e porque elaboram o que o meio lhes oferece.

Também é importante lembrar que estamos caminhando para o final do século XX e vislumbrando um novo milênio. Vivemos em uma época que se caracteriza por inúmeras mudanças, exigências e desafios.

Mudanças rápidas e muitas vezes imprevisíveis em todos os setores constituem um dos fatos mais significativos de nossa sociedade. Há necessidade de preparar o aluno para lidar com problemas que somos hoje até mesmo incapazes de antecipar, e uma das razões para justificar a necessidade de se criarem melhores condições para o desenvolvimento e manifestação do pensamento criativo em sala de aula. Daí a grande importância de se cultivar a imaginação e a atividade criadora na escola.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Eunice S. **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis. RJ. Ed. Vozes. 1990.
- ALVES, Rubens. **Conversar com quem gosta de ensinar**. SP. Cortez. 1981.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP. Hucitec. 1992.
- CENP. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.
- DE MILLE, in *Ponha a sua mãe no teto* in ALENCAR, Eunice S. **Como desenvolver o potencial criador. Petrópolis**. RJ. Vozes, 1990.
- DEPLAN, Secretaria M. de Educação de São Paulo in **Linguagem Oral, brincando com palavras e sons**, 1985.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. SP. Cortez. 1987.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. SP. Ed. Cortez. 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. RJ. Paz e Terra. 2000.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Fundação Getúlio Vargas. RJ. 1967.
- GERALDI, João W. (org) **O Texto na sala de aula – Leitura e Produção**. Cascavel, Assoeste, 1985.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. SP. Ed. Brasiliense, 1982.
- MESERANI, Samir C. **Redação e Leitura**. PUC SP. 1983.
- TEBEROSKY, A. *Cosntruction de Escrituras através de la interacción grupal*. In: FERREIRO, E. & Gómez Palacio, N. (orgs) **Nuevas perspectivas sobre los procesos de lectura e escritura**. México, Siglo 21XX1, 1982.
- TUFANO, Douglas. **Análise de Interpretação de texto**. Ed. Moderna, SP. 1996.
- VYGOTSKY, L.S. **A pré história da linguagem escrita**. In COLE, M. et al (orgs), Martin Edit. SP. 1984.

Anexos